

**CENTRO ALPHA DE ENSINO
ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE HOMEOPATIA
MOARA LINS FILGUEIRAS**

**A RACIONALIDADE HOMEOPÁTICA E SUA INTERFACE COM A
PSIQUIATRIA E A PSICOTERAPIA**

**SÃO PAULO
2015**

MOARA LINS FILGUEIRAS

**A RACIONALIDADE HOMEOPÁTICA E SUA INTERFACE COM A
PSIQUIATRIA E A PSICOTERAPIA**

Monografia apresentada a
ALPHA/APH como exigência para
obtenção do título de
especialista em homeopatia.
Orientador:

**SÃO PAULO
2015**

Filgueiras, Moara Lins

A Racionalidade Homeopática e sua interface com a
Psiquiatria e a Psicoterapia /Moara Lins Filgueiras .__
São Paulo, 2015.
37f. ; 30 cm ; il.

Monografia – ALPHA/APH, Curso de Pós Graduação em
Homeopatia.

Orientador:

1. Homeopatia 2. Psiquiatria 3. Psicoterapia I. Título

RESUMO

A Homeopatia é um modelo médico cujo paradigma é a integralidade do ser humano e sua singularidade. Entende o processo de adoecimento como um desequilíbrio da energia vital oriundo da tentativa de adaptação à circunstâncias e condições adversas. Por obter êxito na restauração da psicodinâmica do indivíduo, que o campo de interação entre a doutrina de Hahnemann, a psiquiatria e a psicoterapia, pode ser melhor explorado e aproveitado. Desenvolvido com o propósito de apresentar a racionalidade médica homeopática e sua capacidade em atender às necessidades dos pacientes e, ainda, analisar a interface da Homeopatia com a psiquiatria e a psicoterapia verificando como esse diálogo potencializa uma cura homeopática bem sucedida, este artigo adotou como método a pesquisa bibliográfica. A Homeopatia considera que a doença resulta da perturbação da força vital vista como energia essencial da vida e do equilíbrio biopsíquico. O restabelecimento da saúde depende de se restabelecer este equilíbrio.

Palavras-chaves: homeopatia, psicodinâmica, psiquiatria, psicoterapia, equilíbrio

ABSTRACT

Homeopathy is a medical model whose paradigm is the wholeness of the human being and its uniqueness. Understand the disease process as a vital energy imbalance arising from the attempt to adapt to circumstances and adverse conditions. For succeed in the individual psychodynamics of restoration, the field of interaction between the doctrine of Hahnemann, psychiatry and psychotherapy, can be better explored and exploited. Developed with the purpose of presenting the homeopathic medical rationality and its ability to meet the needs of patients and also analyze the Homeopathy interface with psychiatry and psychotherapy at how such dialogue enhances a successful homeopathic cure, this article adopted as a method bibliographical research. Homeopathy believes that the disease results from disruption of the life force seen as essential life energy and bio-psychic balance. The restoration of health depends on restoring this balance.

Keywords: homeopathy, psychodynamic, psychiatry, psychotherapy, balance

SUMÁRIO

1: Introdução.....	pag. 05
2: Proposição.....	pag. 07
3: Metodologia.....	pag. 08
4: Revisão da Literatura.....	pag. 09
5: Discussão.....	pag. 26
6: Conclusão.....	pag. 32
7: Referências.....	pag. 35

1 INTRODUÇÃO

O modelo de medicina dominante no ocidente é centrado na doença e na ciência da diagnose. Modelo biomédico que preconiza que a doença é uma "entidade" à parte do doente e que resulta da alteração de variáveis biológicas mensuráveis, do desvio dessas do padrão considerado normal. Por isso, apesar de todo avanço que a medicina vem experienciando, principalmente a partir do século XX, há uma crescente preocupação, entre o público em geral e também entre a classe médica, de que as necessidades de saúde não estão sendo atendidas e que o avanço nas pesquisas não estão sendo traduzidos em melhora da qualidade de vida. A medicina, as instituições médicas e os próprios médicos são cada vez mais vistos como frios, impessoais e insensíveis aos problemas dos pacientes e suas famílias.

Essa inquietação reside no fato de que a racionalidade médica predominante, focada apenas na sintomatologia orgânica e na sua supressão, não abarca as dimensões sociais, psicológicas e comportamentais do adoecimento. Ela fragmenta os diversos aspectos da vida do paciente, e cria uma dicotomia entre mente e corpo, resultando na deterioração da relação médico-paciente e na perda da "arte" terapêutica.

É nesse cenário que a Homeopatia, um saber médico que considera a totalidade sintomática captada através de uma escuta atenta, que tem a terapêutica como forma prioritária de abordagem e recuperação do paciente, buscando a cura (equilíbrio) como objetivo central da sua clínica e resgatando a confiança na vida e na capacidade do indivíduo em acreditar na recuperação de sua saúde, é capaz de

captar e responder as ansiedades dos pacientes insatisfeitos com a medicina hegemônica na atualidade.

Esta monografia adotou como objetivos apresentar a racionalidade médica homeopática e sua capacidade em atender às necessidades dos pacientes e, ainda, analisar a interface da homeopatia com a psiquiatria e a psicoterapia verificando como esse diálogo pode contribuir para potencializar uma cura homeopática bem sucedida.

Desse modo, o problema da pesquisa é responder como ocorre o diálogo entre a Homeopatia, a psiquiatria e a psicoterapia de modo a contribuir para potencializar a cura homeopática eficiente. Ao identificar essa resposta, espera-se contribuir para a atuação dos profissionais da área. Para o desenvolvimento do trabalho adotou-se a pesquisa exploratória com a coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica, dividindo-a em capítulos sequenciais e detalhados, tendo como parâmetro o objetivo do trabalho, de modo a facilitar a compreensão do leitor.

2PROPOSIÇÃO

O objetivo desse trabalho não éressaltar a insatisfação existente com o modelo biomédico e tampouco destacar suas limitações, mas apresentar a racionalidade médica homeopática e sua capacidade em atender às necessidades dos pacientes. Objetiva-se, ainda, analisar a interface da Homeopatia com a psiquiatria e a psicoterapiaverificando como esse diálogo pode contribuir para potencializar uma cura homeopática bem sucedida.

Assim, procura-se no desenvolvimento do trabalho, responder à seguinte pergunta: Como ocorre o diálogo entre a Homeopatia, a psiquiatria e a psicoterapia de modo a contribuir para potencializar a cura homeopática eficiente? Respondida esta pergunta, o problema proposto neste trabalho terá sido solucionado.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa exploratória com coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica, de modo a possibilitar a compreensão do tema pelo leitor. Esta pesquisa parte de uma seleção de autores úteis ao tema proposto. Assim, inicialmente, elaborou-se um roteiro com os tópicos a serem abordados e, posteriormente, referências que atendessem aos objetivos identificados foram identificadas. Desse modo, artigos científicos e livros sobre o assunto foram as principais fontes de dados para a pesquisa. Todas as obras e produções científicas estão devidamente citadas nas referências.

4REVISÃO DA LITERATURA

O modelo biomédico

O modelo biomédico introduz a gradativa reorientação dos princípios e práticas que irão conformar a nova medicina. Nesse contexto, é bastante ilustrativo o modelo mecânico que se erige como analogia para a compreensão do funcionamento do corpo: o relógio e suas engrenagens ou o corpo como uma máquina e a doença como o mal funcionamento do corpo. Assim o modelo explicativo foi delineado para o estudo e identificação das doenças, e busca seu controle e eliminação como objetivo principal. (BARROS, 2002).

Sua visão sobre a patologia é, como afirma Engel (1977, p130.), “Quanto mais socialmente disruptivo ou individualmente perturbador o fenômeno, mais premente a necessidade humana em conceber sistemas explicativos. Tais esforços de explicação constituem mecanismos de adaptação social”. E como Fabrega (1972) destacou, doença por excelência exemplifica uma categoria de fenômenos naturais que demandam urgentemente explicação.

Quando pessoas de diferentes convicções intelectuais e culturais usam termos análogos à “doença”, eles têm em mente, entre outras coisas, que os fenômenos em questão envolvem prejuízo e desvio ou descontinuidade indesejável centrada na pessoa, associada a comprometimento ou desconforto. (FABREGA, 1972). Dessa maneira, como os sintomas e as doenças não são uma condição desejada, surge a necessidade de corrigir esse desvio da normalidade, de suprimir sua expressão e buscar uma readequação aos padrões de referência.

Essa racionalidade permite apenas duas alternativas por meio das quais comportamento e doença podem ser reconciliados: a *reducionista*, segundo a qual todo fenômeno comportamental deve ser conceitualizado em termos de princípios físicoquímicos; e a *exclusionista*, a qual apregoa que o que não pode ser explicado deve ser excluído da categoria de doença (ENGEL, 1977)

A adesão massiva ao raciocínio e práticas mecanicistas tem a ver com as supostas soluções - muitas vezes, em realidade, meramente paliativas por não agirem nas causas propriamente ditas - precisamente por se concentrarem nas “partes” de um sistema ou de um processo que, na sua essência, são bem mais complexos (BARROS, 2002).

Outra característica do pensamento fisiopatológico organicista é a dicotomia mente/corpo que ele promove e reforça. Apartando ainda mais a medicina da dimensão subjetiva do sujeito, ignorando seus sentimentos e desconsiderando suas sensações e percepções. (VIJNOVSKY)

A tentativa de “unificação” desse binômio dentro das especialistas médicas se deu através da psiquiatria, mas mesmo assim há diferentes correntes que entendem e lidam com a questão de maneiras distintas. A Medicina Homeopática pratica o tratamento individualizado do paciente.

Segundo Pustiglione (2010), Samuel Hahnemann (1755 – 1843), médico alemão, exerceu a medicina hegemônica no final do século XVIII. Porém, sua insatisfação com a prática médica e seu espírito crítico o levaram a abandonar a profissão e a se dedicar a tradução de livros. Em 1790, traduzindo a “Matéria Médica” de CULLEN, Hahnemann percebe a semelhança entre os sintomas causados pela *China officinalis* e o quadro clínico para o qual ela era utilizada como

tratamento. Sua mente sagaz se lembrou de Hipócrates - considerado o pai da medicina – que no século IV a.C afirmou que:

[...] a doença é produzida pelos semelhantes e pelos semelhantes que a produziram, o paciente retorna da doença à saúde. Desse modo, o que provoca a estrangúria que não existe, cura a estrangúria que existe; a tosse como a estrangúria, é causada e curada pelo mesmo agente. (PUSTIGLIONE, 2010)

A partir de então, Hahnemann inicia um processo de experimentação de substâncias e observação dos efeitos no organismo sadio e, assim, inaugura a racionalidade médica homeopática. Ao longo de toda sua vida ele esclarece, elucida, amplia e corrige entendimentos anteriores baseado na sua contínua experiência clínica e observações. (PUSTIGLIONE, 2010)

O método usado pela lógica homeopática divide-se, a grosso modo, em quatro etapas: (1) Buscar na totalidade dos sintomas o critério norteador da atuação terapêutica. (2) A administração de substâncias diluídas e dinamizadas – de acordo com a farmacotécnica homeopática -, utilizando o princípio de similitude. (3) Uso de medicamentos que foram experimentados por meio da técnica de pesquisa de sintomas chamados hígiantropofarmacologia, que é a pesquisa do efeito dos medicamentos sobre o homem, permitindo o uso do princípio da individualização. (4) Emprego preferencial de medicamentos únicos, prescritos em doses únicas. (ROSENBAUM, 2002).

Hahnemann através da experimentação pode determinar a especificidade e organotropismo das substâncias e determinar o real valor terapêutico de cada uma delas. Assim, de maneira meticulosa e bem organizada, lança mão da observação científica para chegaraos resultados apresentados até o final de sua vida. Desse

modo, pôde ampliar continuamente o entendimento sobre a ação dos medicamentos e incluiu novas substâncias em suas experimentações. (PUSTIGLIONE, 2010)

Ele retoma suas atividades como médico e enuncia no primeiro parágrafo de sua obra “*Organon da Arte de Curar*” sua discordância com a separação entre a ciência da diagnose e arte de curar:

Sua missão não é, portanto, formar os chamados sistemas, mesclando ideias vazias e hipóteses sobre a natureza íntima dos processos vitais e sobre a origem das doenças no interior do organismo (temática sobre a qual tantos médicos, até os dias de hoje, têm gasto com ambição suas energias intelectuais e seu tempo). Não é sua missão também apresentar centenas de explicações a respeito dos fenômenos mórbidos e suas causas (as quais permanecerão sempre ocultas) utilizando palavras incompreensíveis e expressões abstratas, afetadas e pomposas, com aparência erudita, para impressionar os ignorantes, enquanto os doentes suplicam inutilmente por ajuda. Já tivemos devaneios científicos suficientes (que até receberam nome: “medicina teórica” e cátedras especiais). Porém, já é tempo para que todos que se denominam “médico” deixem finalmente de enganar a humanidade sofredora com o palavreiro destituído de conteúdo e comecem, de uma vez por todas, a agir, isto é, aliviar e curar realmente (PUSTIGLIONE, 2010).

Nessa obra Hahnemann descreve os alicerces de sua doutrina, seu fundamento filosófico, seu entendimento sobre o binômio saúde/doença e o papel do sintoma, ou melhor, da totalidade sintomática orientando o tratamento:

Os médicos da velha escola tentaram sempre combater e suprimir, com medicamentos, apenas um sintoma dentre os muitos da doença. Trata-se de procedimento “unilateral” denominado “tratamento sintomático” que provocou desprezo universal, não só por não trazer vantagem alguma como por determinar vários prejuízos. Ora, um sintoma não é toda a doença, da mesma forma que um pé não representa todo o homem. (PUSTIGLIONE, 2010).

Aborda como deve ser tomada a história clínica com todos os seus detalhes, investigando como o indivíduo e seu organismo respondem ao ambiente - sob o paradigma de que a enfermidade expressa uma atividade interna e exógena, na qual o organismo reage como uma unidade funcional para adaptar-se a condições e circunstâncias adversas; desde a escolha do remédio adequado a cada caso até o

processo de preparação da medicação e as estratégias de prescrição. Define as habilidades e competências necessárias aos seus praticantes e deixa um guia prático para a clínica e terapêutica.(PUSTIGLIONE, 2010).

Gutilla (2010), apud Rosenbaum (2010, p.363) explica que, comportando-se como pediatras tradicionais, é possível agir sobre sintomas existentes, orientando situações familiares que possam desequilibrar a criança ou aconselhar uma alimentação adequada para que o paciente não se sinta mal, contudo, “terapeuticamente, precisamos esperar o aparecimento dos sintomas físicos para medicar”. Contudo, acrescenta a autora, na prática homeopática, como o médico diagnostica pelo desequilíbrio energético, por meio de sintomas homeopáticos bem claros, muitas vezes é possível tratar o indivíduo antes que os sintomas físicos patológicos apareçam. E, isso acontece “de uma maneira mais sutil, delicada e precoce”. (GUTILLA, 2010, p.363).

A metodologia homeopática nos ensina a usar sistematicamente o modelo bio-psico-social da enfermidade de cada paciente: “sem tratamento particular, estrito (individualizador) de cada caso, não pode ocorrer cura real dessa ou de outras doenças” (Organon §82); “o médico deve ter em mente apenas o que for aplicável para cada caso individual[...] deve ser dotado de ausência de preconceitos, sentidos perfeitos, atenção na observação e fidelidade ao traçar o quadro da doença” (Organon §83). (PUSTIGLIONE, 2010, p.150).

Continuando o autor ainda ensina:

anotar tudo o que julgue importante [...]o doente detalha a marcha de seus sofrimentos[...]os que o rodeiam relatam de que o tem ouvido queixar-se, como tem se comportado e o que notam nele[...]o médico vê, ouve e observa com os outros sentidos o que existe de alterado ou fora do comum (Organon §84); o médico inteligente primeiro afasta a causa ocasional (excitante ou de manutenção) existente, fazendo, em geral, cessar espontaneamente a indisposição (Organon §7); a história pregressa da moléstia atual estruturada cronologicamente; dessa forma poderemos

detectar que sintomas físicos estão sendo aliviados pela representação vicária localizada no psiquismo. (*Organon* § 218). (PUSTIGLIONE, 2010, p.86-224).

O fundador da homeopatia foi um pioneiro também na área da saúde mental e um precursor da psicossomática. A relevância da psicodinâmica do paciente, de seus antecedentes pessoais e dos sintomas mentais na totalidade sintomática retoma uma racionalidade médica em que o indivíduo é visto como um ser integrado, de maneira holística, e as dimensões social, psicológica e comportamental são consideradas para que se tenha uma melhor compreensão do adoecimento. (PASQUERO, 1991).

No *Organon*, ele afirma que as doenças mentais são tratadas da mesma maneira que as demais, *similia similibuscurantur*, ou seja, através de uma medicação que experimentada no homem são é capaz de gerar mesmo estado mórbido que se pretende curar:

Em suma, o médico deve estabelecer a totalidade sintomática característica a partir dos sintomas que mais se afluam (no caso os mentais) agregando a eles todos os concomitantes físicos (sintomas gerais e locais surgidos ou exacerbados com o advento da doença mental; alguns autores denominam este conjunto sintomático de “síndrome mínima de valor máximo” caracterizando o conjunto sintomático concomitante mais qualificado (sintomas raros, peculiares e característicos) identificados no caso. (PUSTIGLIONE, 2010).

Paschero(1991) caracteriza a homeopatia como “uma medicina fundamentalmente psicossomática e antropológica que contempla o aspecto psíquico e somático do enfermo enquanto um indivíduo racional, vivente, livre e dotado de consciência”.

O entendimento do psiquismo humano tem sido um dos pontos mais conflituosos na formação médica. Todo o avanço tecnocientífico, de métodos diagnósticos, das técnicas terapêuticas, tem sido insatisfatório para entender o

universo particular de cada paciente e como esse mundo emocional influencia sua maneira de comunicar seu adoecimento e seu entendimento sobre sua condição.

A compreensão da psicodinâmica do paciente demanda uma escuta atenta por parte do profissional o qual permite a fala espontânea do paciente, sem interrompê-lo, e isso contribui pra estabelecer uma relação médico-paciente de qualidade. “A interrupção perturba a ordem das ideias dos narradores, podendo não lhes ocorrer de novo exatamente o que teriam dito a princípio, se não tivesse havido a interrupção”. (PUSTIGLIONE, 2010).

A linguagem é uma das melhores ferramentas para comunicar a maneira como o “mundo externo” e o “mundo interno” interagem. A fala do indivíduo expressa sua vivência interior, revela seus valores, juízos, percepções e entendimento. Ela descortina a idéia que ele tem de si mesmo e como atende ou não suas próprias expectativas e as que o meio externo impõe sobre ele. Entender a dimensão desse conflito permite ao profissional compreender a individualidade, a dinâmica psíquica desse paciente, e, portanto, adequar a indicação terapêutica e definir parâmetros de observação evolutiva e do prognóstico clínico. (FILGUEIRAS, 2002).

Homeopatia, Psiquiatria e Psicoterapias

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o conceito de saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001, p. VIII) já indica o avanço na compreensão de que o bem-estar de um indivíduo vai além do aspecto orgânico, deve abarcar também as dimensões psicológica e social de sua existência. Nele o ser humano é visto na sua totalidade como um ser

uno e não passível de fragmentação, o que contesta a dicotomia mente/corpo tão disseminada e praticada na medicina hegemônica. E o fato de ser uma definição subjetiva, e por isso alvo de muitas críticas, a torna de vanguarda por abordar a singularidade de cada um, isto é, testifica que cada indivíduo experimenta a sensação de bem-estar, ou saúde, de maneira única, e sua vivência “não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001,p. VIII).

A relevância de como o paciente vivencia e comunica sua condição, seja de saúde ou de adoecimento, foi abordada anteriormente, esse é um dos pilares da semiologia homeopática. Nesse contexto, é oportuno reforçar que a escuta atenta do médico para as sutilezas de como a experiência é relatada e a alteração da sensação de bem-estar geral do paciente são critérios importantes para o prognóstico clínico dinâmico desse paciente.

O bem-estar mental do indivíduo e seu reflexo nas dimensões física e social, tanto individual como coletivamente, cada vez mais toma a pauta das discussões sobre saúde. Segundo relatório da OMS e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) de 2001 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2001), a estimativa é de que os transtornos mentais (TM) correspondam a 12% da carga mundial de doenças. O mesmo relatório complementa que hoje se sabe que a maioria das doenças mentais e físicas é influenciada por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Figura 1.1 Interação de factores biológicos, psicossociais e sociais no desenvolvimento das perturbações mentais.



Fonte:(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001, p.31).

O relatório vai além e reconhece que a saúde física exerce uma considerável influência sobre a saúde e o bem-estar mental.(ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2001). Em consonância com a afirmação feita por Hahnemann no §215 do Organon no que diz respeito aos distúrbios mentais de que:

Quase todas as denominadas doenças mentais ou psíquicas nada mais são que doenças físicas nas quais a perturbação da mente e do psiquismo se exagera, enquanto os sintomas físicos declinam, com maior ou menor rapidez[...]como se fosse uma afecção local transposta para o sutil e invisível território da mente e do psiquismo. (PUSTIGLIONE, ANO, p.222)

É nesse contexto, em que a incidência e prevalência dos transtornos mentais aumenta cada vez mais, que a psiquiatria - especialidade médica dedicada ao estudo das perturbações do psiquismo, assim como da prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e reinserção social dos indivíduos acometidos por distúrbios mentais – compartilha da crise vivenciada pela medicina hegemônica, uma vez fundamentada

no pensamento fisiopatológico organicista e no método de investigação anatomopatológico. (NETO ET AL, 2007)

Por um lado, como afirma Engel (1977), há aqueles que defendem que a psiquiatria deve ser excluída do campo da medicina, ao passo que outros são favoráveis à adesão rigorosa ao “modelo médico” e limita o âmbito de atuação da psiquiatria às desordens comportamentais oriundas de disfunções do cérebro. Em ambos os casos “problemas existenciais”, transtornos de socialização, transtorno de caráter, síndromes de dependência, depressão existencial e diversas condições de comportamento social deveriam ser excluídas do conceito de doença mental uma vez que esse desarranjo acomete indivíduos com funcionamento neurofisiológico presumivelmente intacto e são produzidos primariamente por variáveis psicossociais (ENGEL, 1977).

Atualmente há duas abordagens que norteiam o empenho em classificar as doenças psiquiátricas: a *nominalista* e a *essencialista*. A primeira abordagem denomina os sintomas (psicopatologia e comportamentos) ou a constelação de sinais e sintomas (síndromes) sem considerar a sua etiologia, na medida em que as causas exatas da maioria das doenças ainda são desconhecidas. A segunda, por sua vez, busca classificar as entidades nosológicas a partir das causas de uma condição patológica, independentemente de seus sinais e sintomas.(NETO ET AL, 2007).

Dentro da especialidade há também um grupo que não se fundamenta exclusivamente no modelo biomédico e busca uma prática que compreenda as dimensões psicológicas e sociais. Desde o final do século XIX, a escola sociológica norte-americana realiza pesquisas sobre a organização da personalidade no seu contexto sociocultural. (NETO ET AL, 2007).

Harry S, Sullivan (1892-1949) enfatiza o estudo das relações interpessoais e adota a posição sociopsicogenética para os transtornos de etiologia não orgânicas. Ele defende que as doenças seriam o resultado de traumas psíquicos decorrentes de contingências exteriores durante o desenvolvimento. Karen Horney (1885-1952), por sua vez, credita os traços de inferioridade e masoquismo da mulher à pressão exercida sobre elas pela sociedade industrializada, que restringe a possibilidade de troca afetiva, contrariando assim as opiniões de Freud sobre a questão. (NETO ET AL, 2007).

Para Erich Fromm (1900-1980) as relações com o meio e os vínculos inter-humanos seriam mais importantes que a satisfação das funções; os conflitos surgem da sociedade que modela os indivíduos à sua imagem por meio do fenômeno da ocultação. Michel Foucault (1926-1984) entende a emergência da psiquiatria pela ótica de que a sociedade ao exercer um papel alienante sobre o indivíduo usava a identificação do ser alienado para se desembaraçar de todos os transviados que ofendessem a moral e a razão vigente, e não da necessidade da defesa da liberdade. F. Basaglia adere a essa visão de antipsiquiatria e contesta de maneira radical as instituições hospitalares psiquiátricas (NETO ET AL, 2007).

Esse curtopercurso histórico por essa especialidade tão desvalorizada pelo paradigma dominante é apenas um singelo intento de demonstrar como a não aceitação de um modelo cartesiano impulsiona seu adeptos a buscarem novos modelos. Esses modelos devem ser cada vez mais abrangentes e abarcaros distintos aspectos da existência humana.

A mesma inquietação e insatisfação com a racionalidade prevalente levou Samuel Hahnemann a desenvolver sua doutrina. A partir deste ponto, este estudo se aterá a explorar um pouco mais a extraordinária contribuição desse médico

alemão à compreensão da dinâmica do adoecimento mental. Em alguns momentos será necessário mencionar alguns princípios homeopáticos, porém sem a preocupação em aprofundar seu entendimento, pois isso não consta no escopo desse trabalho.

Como já mencionado, Hahnemann foi um vanguardista no campo da saúde mental. Contemporâneo de Pinel, ele se alinha ao discurso de humanização e libertação dos doentes mentais. Isto pode ser claramente percebido no § 228 do *Organon* no qual ele descreve como tratar as doenças mentais:

Impossível não nos admirarmos com a dureza de coração e irreflexão do médicos de muitas instituições para doentes mentais. Estes “bárbaros”, sem procurar descobrir o único, verdadeiro e eficaz método de curar tais doenças (através de medicamentos homeopáticos “antipsóricos”), contentam-se em castigar aqueles seres humanos (que são mais dignos da compaixão de todos os Homens), com fortes pancadas e outras torturas dolorosas. Com este procedimento repugnante e sem consciência, mostram-se piores que os carcereiros das instituições penais, pois estes últimos impõem tais castigos somente a criminosos e por dever do ofício, ao passo que os primeiros, pela humilhante consciência de incompetência médica, descarregando sua própria maldade contra a suposta incurabilidade das doenças psíquicas e mentais, impondo sofrimento aos pobres doentes inocentes e dignos de comiseração, demonstrando sua ignorância e preguiça para adotarem modo conveniente de tratamento. (PUSTIGLIONE, 2010, p.229)

No § 16, Pustiglione (2010, p.93) demonstra sua sagacidade ao visualizar a interdependência entre mente e corpo, em contraste com o dualismo prevalecente em sua época ao enunciar que “a imaginação pode produzir perturbação suficiente da força vital causando doença grave que pode ser curada da mesma forma”, e no § 210 da integração desse binômio ao dizer que:

Se quisermos fazer uma imagem fidedigna da doença a fim de estarmos aptos para tratá-la homeopaticamente com êxito, em todos os casos que devem ser curados, deveremos anotar especificamente o estado psíquico do doente junto a totalidade sintomática (bem como contemplar essas totalidade sintomática com os sintomas gerais e físicos característicos da doença). (PUSTIGLIONE, 2010, p.220)

Atualmente a psicossomática é uma área interdisciplinar que busca entender essa integração e suas repercursões. Na nota do mesmo parágrafo podemos perceber como ele era um perspicaz observador do psiquismo humano, suas alterações e nuances:

Por exemplo, não raramente encontramos doentes que conservam humor aprazível e dócil apesar de padecerem há muitos anos de afecções dolorosas e isso faz que nos sintamos inclinados a dispensar-lhe respeito e consideração! Quando livrados do mal, porém (o que com frequência se consegue pelo tratamento homeopático), nos espantamos ante a terrível mudança do psiquismo, ao presenciarmos: ingratião, crueldade, maldade refinada e caprichos repugnantes que, na realidade, formavam o caráter do indivíduo antes dele tornar-se doente. Os que, quando sadios eram pacientes, tornam-se obstinados, violentos, precipitados e até mesmo intolerantes e caprichosos ou impacientes ou ainda desesperados. Os que eram castos e tímidos manifestam-se luxuriosos e despidorados. Um indivíduo de cabeça lúcida torna-se, não raro, embotado, enquanto o lento, às vezes, torna-se uma pessoa de grande presença de espírito e rapidez de decisão, etc. (PUSTIGLIONE, 2010, p.220)

Observações no campo da fenomenologia psicopatológica também foram registradas na mesma obra de Hahnemann. No § 220 ele descreve “mudanças periódicas[...]dias de demência furiosa podem ser seguidos por outros de profunda e silenciosa tristeza”, antes mesmo de J.-P. Falret (1794-1870) e J. Baillarger (1809-1890), os quais descreveram, respectivamente, loucura circular (*folie circulaire*) e loucura de dupla forma (*folie à double forme*), hoje o renomado transtorno bipolar do humor (SEDLER, 1983. In: NETO ET AL, 2007).(PUSTIGLIONE, 2010, p.224)

É nesse aparentemente obscuro universo do adoecimento mental que o fundador da Homeopatia, há mais de dois séculos, elucida questões hoje ainda consideradas intrincadas e de difícil entendimento. Essa contribuição se dá fundamentalmente a partir da descrição da totalidade sintomática que cada remédio produz, e, conseqüentemente, é capaz de curar.

A psicodinâmica de cada substância associada a concomitância de sintomatologia geral e física fornecem a visão do todo e o movimento do quadro apresentando pelo paciente. O homeopata sabe quais as etapas de desenvolvimento do processo de reequilíbrio desse paciente. Ele torna-se quase um vidente, capaz de prever a trajetória de retorno ao equilíbrio da força vital, como os sintomas se alternarão ou se sucederão. Sendo a sensação de bem-estar geral o principal parâmetro de acompanhamento e evolução do prognóstico clínico dinâmico.(ROSENBAUM, 2002).

O dia a dia da prática homeopática demonstra a efetividade de sua atuação nos transtornos depressivos e ansiosos. No entanto, cada vez mais, por não apresentar efeitos colaterais desagradáveis ou perigosos, ela surge como uma opção para o tratamento dos distúrbios psíquicos , em especial aqueles nos quais as medicações psiquiáticas são ineficazes, como os transtornos de personalidade.(NASCIMENTO, 2007)

Nascimento (2007) faz uma correlação entre as rubricas repertoriais e os critérios diagnósticos do DSM-IV e CID-10 para transtornos de personalidade, e conclui que:

Dada a maior tolerabilidade das medicações homeopáticas, abre-se uma maior possibilidade de aderência ao tratamento[...]o caráter abrangente do medicamento homeopático, ao priorizar a visão do indivíduo como um todo[...]considerando que um transtorno de personalidade afeta globalmente um indivíduo, a medicação homeopática pode ser mais adequada para ajudá-lo. (NASCIMENTO, 2007, p. 13).

Essa correlação, longe de se tornar um protocolo rígido, pois isso atentaria como a própria prática homeopática, pode nortear o médico, principalmente aquele não psiquiatra, na hierarquização dos sintomas.

Tierno (2009) descreve como sinais físicos objetivos foram determinantes no tratamento bem sucedido da patologia psiquiátrica. Em consonância com a afirmativa de Parks (1974) que diz que, “em patologias com sintomas predominantemente emocionais, os sintomas somáticos concomitantes podem ser determinantes na escolha do medicamento correto”.

Esses exemplos são apenas para apresentar a gama de abordagens que uma prática holística como a Homeopatia pode oferecer.

Hahnemann vai ainda mais além de sua época e faz a distinção entre doenças de origem orgânica e de origem psicológica e preconiza a utilização de técnicas de psicoterapia (ORGANON, §224):

Se a doença mental não estiver plenamente desenvolvida (sintomas vagos). Se houver dúvida em relação a sua origem numa afecção orgânica (isto é, não são evidenciados sintomas físicos significativos na história pregressa da moléstia atual que possam estar sendo “aliviados” na esfera psíquica). Se houver a possibilidade de ser resultante mais provavelmente de: falhas na educação; maus hábitos; corrupção moral; descuido mental; superstição ou ignorância. O diagnóstico diferencial (entre ser decorrente de causa orgânica ou social) será feito pela observação do resultado que se obtém melhorando a condição psíquica desses doentes através de: exortações amistosas e equilibradas; argumentos consoladores; advertências sérias; e conselhos sensatos. Uma doença mental ou psíquica que realmente dependa de uma doença orgânica será agravada rapidamente com esse método, de maneira que: o melancólico tornar-se-á mais abatido, choroso, inconsolável e reservado; o maníaco furioso, mais exacerbado; e o doente loquaz, manifestamente mais desequilibrado. (PUSTIGLIONE, 2010, p.226)

Ainda de acordo com Pustiglione (2010), essas técnicas são efetivas quando “as doenças mentais[...]antes de terem invadido e perturbado em demasia todo o corpo, podem rapidamente ser transformadas num estado de saúde mental”, e propõe “um regime de vida adequado e dieta saudável” como componentes de um tratamento que objetive a melhora da qualidade de vida e um estado de saúde harmônico para o paciente.

Um aspecto em comum à Homeopatia e à psicoterapia diz respeito à visão de singularidade do indivíduo. Ambas buscam desvendar suas peculiaridades. Esse ser humano, que além de corpo, funções orgânicas, patologias, é também afeto a desejos, pensamentos, ilusões e aspirações; geralmente relacionadas à determinada tradição familiar e cultural e a certo grau de instrução formal. Enfim, existe um universo de infinitas possibilidades. (PRIVEN, 2002)

E para descortinar esse mistério, as duas abordagens recorrem a um interrogatório que permite e estimule o relato espontâneo do paciente, colocando-se em posição de neutralidade. A linguagem e a maneira como se faz saber do mundo interno e externo também é de interesse comum de ambas. (PRIVEN, 2002).

Tanto a doutrina hahnemanniana quanto as abordagens psicoterápicas dialogam com um sujeito ativo; que age, reage e interage com o meio; modifica-o; vivencia esse ambiente e dá significado a essas experiências, de alegria, tristeza, pesar, sofrimento, etc.

Outra característica compartilhada é o vitalismo –doutrina que reconhece a existência de um princípio irreduzível e imaterial que anima e domina o corpo físico, denominado *força vital*, cuja presença permite discernir os seres vivos dos corpos inanimados. Sua ausência caracterizaria a morte –, conceito central que norteia essas intervenções.

Sem a força vital, o organismo material é incapaz de sentir, agir ou conservar-se. Todas as sensações nascem e todas as funções vitais se realizam através do princípio vital (“ser imaterial”) que anima o organismo, seja no estado de saúde, seja no de doença. (*Organon*, §10). (PUSTIGLIONE, 2010, p.88).

É notável que tais abordagens estejam em conformidade em muitos pontos, porém há posições que são distintas e merecem ser destacadas. A Homeopatia

busca entender esse sujeito único através de sua totalidade sintomática. Esse conceito não dá margem a qualquer dicotomia entre mente e corpo, ela não prioriza uma dimensão desse *todo* em detrimento de outra.

O desequilíbrio da força vital pode expressar-se em sintomas mentais, gerais ou locais, sem comprometer a noção de integralidade desse organismo. Organismo este incapaz, por si só, de recuperar seu equilíbrio vital e portanto precisa da ajuda de um medicamento que o auxilie. Essa é a mais poderosa ferramenta que o homeopata tem para restaurar a vitalidade de seu paciente. Seu fundador deixa um guia prático para a clínica e terapêutica, assim como uma admirável descrição das patogenesias dos medicamentos, o que possibilita vislumbrar o “desenrolar” do caso. Porém, mesmo imbuídos dessa compreensão, o homeopata vê cada paciente como um universo inexplorado. (PRIVEN, 2002).

Ao passo que a psicoterapia, em geral, advoga pelo resgate da importância do psiquismo, e não necessariamente da integralidade do binômio mente/corpo. A psique é a instância preponderante, e seus conflitos se expressam no organismo. O que permite uma ideia de relação entre as partes de causalidade, mas não de totalidade indivisível. E esse indivíduo é o protagonista da sua própria cura. Ele lança mão de seus recursos cognitivos e capacidade de elaboração e instaura novamente seu equilíbrio. O terapeuta participa como facilitador e catalisador desse processo. E para executar tal tarefa ele parte de modelos preconcebidos de sujeito, e dos fatores que influenciam seu psiquismo – o modelo varia de acordo com a linha adotada – e tenta neles encaixar seu cliente. (PRIVEN, 2002).

O ideal almejado por estas intervenções – Homeopatia, psiquiatria e psicoterapia -, para além de suas semelhanças e divergências, busca tirar o paciente do papel de agente passivo no processo de entender sua condição, apenas como

um expectador do desenrolar do curso natural da doença, e torná-lo um protagonista, com o auxílio medicamentoso no seu processo de cura.

5DISCUSSÃO

A evolução tecnológica e científica é fato incontestável na sociedade contemporânea. Entretanto, em que pese os avanços obtidos nos vários campos da vida moderna, a medicina, embora tenha contribuído enormemente para o avanço da expectativa de vida, não assegura ao indivíduo que o prolongamento de sua existência será acompanhado de mais qualidade de vida – em determinadas situações até contribuindo para o contrário, como na iatrogenia ou o prolongamento “artificial” da vida.

A crise vivenciada pela saúde tem como dois de seus pilares a premissa de que a doença é algo externo ao indivíduo e sua supressão é a meta almejada, e a degeneração da relação médico-paciente. O contexto relacional do paciente não é considerado relevante e tampouco o papel da interdependência entre mente e corpo no aparecimento, manutenção, melhora ou piora do processo de adoecimento. Esse paradigma preconizado pelo modelo biomédico, embora seja hegemônico, vem sendo contestado pelos próprios médicos, assim como pela comunidade em geral.

Nesse contexto, tem lugar uma inquietação justificada pela racionalidade médica predominante, ou seja, a racionalidade focada exclusivamente na sintomatologia orgânica e na sua supressão, desconsiderando as dimensões sociais, psicológicas e comportamentais que ocasionaram o desequilíbrio orgânico.

A Homeopatia surge dessa busca por uma construção teórica e de aplicabilidade prática que responda aos anseios gerais, suprimindo as lacunas

deixadas pelo modelo organicista e possibilitando expandir o horizonte terapêutico e o entendimento do processo de adoecimento e o restabelecimento da saúde. Segundo a qual, o equilíbrio do indivíduo envolve padrões comportamentais múltiplos, experiências relacionadas ao equilíbrio geral do indivíduo e sua interação com o todo.

Há a valorização dos fenômenos desencadeadores de alterações do humor, da vontade, da disposição, funcionais e orgânicas, assim como anormalidades nos exames complementares e laboratoriais, indicando desequilíbrio da energia vital.

Nesse contexto, a Homeopatia, na busca do reequilíbrio do indivíduo, aborda vários aspectos da vida de indivíduo no que concerne ao processo interativo de sua vida com o meio, de forma natural e integral, até casos extremos do processo de adoecimento. Essa constatação é reafirmada pelos autores consultados no desenvolvimento do trabalho como foi visto por exemplo em Gutilla (2002), Pustiglione (2010) e Paschero (1991).

Gutilla (2002), apud Rosembaum (2002, p.362), falando sobre a abordagem homeopática no tratamento da criança, explica que “toda manifestação patológica é uma forma de o organismo se comunicar e tentar voltar ao seu equilíbrio anterior, quando, porém, esse objetivo não é conseguido, o desequilíbrio vai se aprofundando e a criança começa a ficar mais doente”.

Mais adiante, a autora acrescenta:

Especificamente a homeopatia, agindo na força vital pelo estímulo medicamentoso, consegue que o organismo tenha reações que o conduzirão de volta ao equilíbrio, diminuindo sua suscetibilidade às doenças e tornando-o mais saudável física e psiquicamente. (GUTILLA, 2002, p.362).

Do mesmo modo, Pustiglione (2010), ao cumprir o desafio de traduzir o Organon da Arte de Curar de Hahnemann para o século XXI, reafirma aspectos

importantes da prática homeopática. No parágrafo 82, por exemplo, explica que o tratamento deve ser particular, estrito e individualizado para que a cura aconteça. E, mais adiante, no parágrafo 83, acrescenta suas instruções sobre o que se espera do médico no exame individualizado: “Ele deve ter em mente apenas o que for aplicável para cada caso individual; e, deve ser dotado de ausência de preconceitos, sentidos perfeitos, atenção na observação e fidelidade ao traçar o quadro da doença”. (PUSTIGLIONE, 2010, p.151).

Tudo isso visa entender o indivíduo em seus aspectos específicos de forma a contribuir para que ele reencontre o equilíbrio natural. Nesse contexto, “as substâncias medicinais produzem no corpo humano sadio modificações patológicas segundo ‘leis definidas e imutáveis da Natureza’”. Assim, em decorrência destas, “são capazes de produzir ‘sintomas mórbidos seguros e dignos de confiança’ (sintomas patogênicos), cada um de acordo com sua própria individualidade”, conclui.(PUSTIGLIONE, 2010, p.167).

Na mesma linha de raciocínio, Paschero (1991) apresenta conceitos, análises e reflexões que sustentam a ciência homeopática como uma prática médica centrada na compreensão do homem como integrante do meio ao qual está inserido. Dessa forma, o indivíduo deve se manter em equilíbrio com esse meio para preservar seu estado de saúde.

Assim, há por parte dos médicos homeopatas um esforço em buscar compreender a individualidade de cada pessoa e identificar aspectos que possam interferir nesse equilíbrio. Ciente disso, Pustiglione (2010) explica que:

- 1) Saúde: É um estado de harmonia entre as partes do corpo e da pessoa como um todo com o cosmos. Desse modo importa estudar o estado psicológico e ambiental de qualquer pessoa que perdeu a harmonia de sua saúde.

- 2) Enfermidade: É um estado de desarmonia que envolve três fatores diferentes: a) uma influência morbífica, b) uma especial susceptibilidade da pessoa acometida, e c) uma individualidade do paciente que imprime à enfermidade um modo e forma peculiar.

A Homeopatia não tenta curar a causa morbífica paciente, mas o paciente em seus aspectos individuais. A única maneira de conseguir isso é considerando os sintomas. (PUSTIGLIONE, 2010, p.167).

As constatações, conceitos e conclusões dos autores citados até aqui reforçam o entendimento defendido nesta monografia de que a Homeopatia busca o equilíbrio do indivíduo com o meio em que ele está inserido de modo a reestabelecer a sua saúde. Ao considerar o indivíduo em sua plenitude, ou seja, em suas interações com o todo, a homeopatia contribui para o reestabelecimento da saúde plena e natural.

Tão abrangente é o arsenal terapêutico homeopático e ampla sua visão do paciente, dos desdobramentos do desequilíbrio vital, e de como reestabelecê-lo, que permite à doutrina de Hahnemann navegar com tranquilidade pela totalidade sintomática de um quadro clínico inédito e pessoal. Essas características permitem uma interface, ainda pouco explorada, com a psiquiatria e a psicoterapia na tentativa de melhor entender o psiquismo humano e seus distúrbios.

Assim, ao analisar essa interface verificou-se que também nesse âmbito o homem deve ser visto como um ser particular e, hoje, quando o Relatório Mundial da Saúde, Ministério da Saúde (2001), reconhece a saúde como um estado completo de bem-estar físico, mental e social, ele vai ao encontro da visão homeopática que sempre se pautou pela crença nessa particularidade. Confirmando essa tese, o relatório exemplifica que dados levantados em uma pesquisa recente indicam que a maioria das doenças mentais e físicas é influenciada por uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Na introdução do relatório, uma mensagem da Direção Geral, dá uma visão bem clara de como deve ser a visão da saúde geral do indivíduo. O relatório afirma que a saúde mental está alinhada aos demais aspectos da vida do homem, tais como o social e o ambiental, ou seja sua cura tem estreita relação com esses fatores, tal qual preconiza a Homeopatia.

O tema deste relatório é “Nova Conceção, Nova Esperança”. Ele mostra como a ciência e a sensibilidade se combinam para derrubar as barreiras reais à prestação de cuidados e à cura em saúde mental. Isso porque existe uma nova compreensão que oferece uma esperança real aos doentes mentais: a compreensão de como factores genéticos, biológicos, sociais e ambientais se juntam para causar doenças da mente e do cérebro; a compreensão de como são realmente inseparáveis a saúde mental e a física, e de como é complexa e profunda a influência de uma sobre a outra. E isso é apenas o começo. Para mim, falar sobre saúde sem falar em saúde mental é como afinar um instrumento e deixar algumas notas dissonantes. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001, p.8).

Ora, essa colocação concorda com o que preconiza Hahnemann: a saúde do homem está relacionado ao meio no qual ele se insere. Sua saúde depende do seu equilíbrio com esse meio. Hahnemann no §215 do Organon explica que “Quase todas as denominadas doenças mentais ou psíquicas nada mais são que doenças físicas nas quais a perturbação da mente e do psiquismo se exacerba, enquanto os sintomas físicos declinam, com maior ou menor rapidez “como se fosse uma afecção local transposta para o sutil e invisível território da mente e do psiquismo”. (PUSTIGLIONE, 2010, p.222)

Já no parágrafo 217, Hahnemann acrescenta que na doença psíquica é importante investigar a totalidade sintomática do indivíduo, ou seja, o quadro de fenômenos inerentes aos sintomas físicos e, ainda, buscar a fiel compreensão do sintoma principal, de modo a compreender o estado mental e psíquico predominante em cada caso. (PUSTIGLIONE, 2010)

Assim, explica o autor:

Para extinguirmos a “doença toda”, devemos eleger (entre os remédios cujos efeitos puros são conhecidos) uma POTÊNCIA MEDICAMENTOSA MORBÍFICA HOMEOPÁTICA”, isto é, um medicamento cuja relação de sintomas (conjunto sintomático) contenha, com a maior semelhança possível;

- Não somente os sintomas mórbidos físicos presente no caso,
- Como também e especialmente este particular estado mental e psíquico. (PUSTIGLIONE, 2010, p. 223).

Tudo no tratamento visa o equilíbrio do indivíduo em relação ao universo. A harmonia é obtida a partir da compreensão do homem como ser uno, específico e, ainda, da compreensão da manifestação do todo em sua vida. (ROSENBAUM, 2002).

A previsão é de que os transtornos mentais tenham incidência e prevalência cada vez maior. As teorias psiquiátricas e a psicofarmacologia estão avançando, porém ainda estão aquém da necessidade existente, por isso, a parceria com uma abordagem não invasiva, com pouco ou nenhum efeito colateral medicamentoso, e de alta efetividade é extremamente promissor.

E nos casos em que a psicodinâmica encontra-se alterada, no entanto ainda sem prejuízo relacional, ou que apenas gere desconforto e/ou angústia no paciente, o diálogo entre a homeopatia e a psicoterapia pode ser benéfico e tornar-se catalisador de mudanças significativas e duradouras na vida desse indivíduo.

Em Pustiglione (2010), observa-se que Hahnemann, quando desenvolveu o tratamento dos transtornos mentais, por meio da Homeopatia, percebeu-a como um processo capaz de reestabelecer a saúde do paciente. Desse modo, é possível ao homeopata identificar as etapas de desenvolvimento do processo de reequilíbrio e prever a trajetória de retorno ao equilíbrio da força vital. Nesse contexto, a sensação de bem-estar geral é o principal parâmetro de acompanhamento e evolução do prognóstico clínico dinâmico.

6CONCLUSÃO

Inquestionavelmente a racionalidade médica proposta por Samuel Hahnemann era avançada para seu tempo e, em muitos aspectos, essa condição permanece para os dias de hoje. O fato de ser uma medicina baseada em evidência, com abordagem holística, e que demonstra sua eficácia em uma ampla variedade de quadros clínicos, mesmo que seus mecanismos de ação ainda não sejam plenamente compreendidos, fornece uma comprovação inequívoca de como ela responde à premência de um novo paradigma médico.

O objetivo do tratamento homeopático é levar o paciente ao equilíbrio. Para isso é preciso conhecer o indivíduo, buscando atender ao que especifica a racionalidade médica homeopática. A metodologia homeopática defende o tratamento personalizado. O conhecimento do indivíduo a partir de aspectos específicos e sua interação com o meio permite identificar detalhes importantes, como experiências vivenciadas e fatores comportamentais, para levá-lo ao reestabelecimento da saúde.

Buscando atender ao especificado, o tratamento homeopático se divide em quatro etapas: busca da totalidade dos sintomas, o critério norteador da atuação terapêutica; administração de substâncias diluídas e dinamizadas de acordo com o princípio de similitude; uso de medicamentos experimentados por meio da técnica de pesquisa de sintomas denominada shigiantropofarmacologia e que permite o uso do

princípio da individualização e, por fim, emprego preferencial de medicamentos únicos, prescritos em doses únicas. A partir desse método, obtém-se o conhecimento do paciente, aspecto que possibilita o tratamento individualizado, que, por sua vez, contribui para o reequilíbrio energético.

Em outras palavras, os medicamentos homeopáticos são individuais. Sua prescrição é única para cada paciente. Na Homeopatia, a enfermidade é percebida como um desequilíbrio interno e, de acordo com os conceitos homeopáticos, o especialista trata o indivíduo em sua globalidade, com a ajuda de medicamentos específicos, destinados a aumentar a capacidade curativa própria de cada organismo. Assim, a partir do relacionamento com o paciente, o médico identifica, através do estudo das semelhanças, a substância apropriada para cada caso.

É desse modo que a Homeopatia, ao considerar a totalidade sintomática captada por meio de uma escuta atenta e que adota a terapêutica como forma prioritária de abordagem e recuperação, conquista o paciente. Buscando o equilíbrio como objetivo central da sua clínica e o resgate da confiança na vida e na capacidade do indivíduo em acreditar e contribuir para a recuperação de sua saúde, a Homeopatia se mostra capaz de captar e responder as ansiedades dos pacientes, muitas vezes insatisfeitos com a medicina alopática.

Seu êxito em propiciar essa restauração do equilíbrio vital e psicodinâmico do paciente, e atuar de maneira auspiciosa na totalidade sintomática, em especial no psiquismo humano, a torna uma extraordinária parceira da psiquiatria e da psicoterapia no restabelecimento psicodinâmico do paciente, buscando a definição de cura apregoada por Hahnemann:

O objetivo ideal de cura é o restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde ou a remoção e total destruição da doença em toda sua extensão,

através do caminho mais curto, seguro e menos prejudicial, baseado em princípios facilmente compreensíveis. (PUSTIGLIONE, 2010).

Ao compreender o homem como ser uno e em interação com o Universo, a Homeopatia desenvolveu um processo de tratamento que ao respeitar o homem em sua individualidade possibilita a reconquista do equilíbrio. Desse modo, o homeopata se capacita para reestabelecer o equilíbrio e, até mesmo, vislumbrar a trajetória de retorno à saúde integral.

Obtém-se, desse modo, uma sensação de bem-estar física e mental, cuja denominação é o estado pleno de saúde.

7REFERÊNCIAS

BOSCOLO, L. & BERTRANDO, P. *Terapia Sistêmica Individual: Manual Prático na Clínica*. Belo Horizonte: ArteSã, 2013.

BARROS, J. A. C. *Saúde e Sociedade* 11(1):67-84, 2002.

ENGEL, G. L. *Science*, 8 April 1977, Volume 196, Number 4286.

FABREGA, H. *Arch. Gen Psychiatry* 32, 1501 (1972).

FILGUEIRAS, Eduardo Almeida Cunha. Homeopatia e a a Linguagem. Crianças. In: ROSENBAUM, Paulo. *Fundamentos de Homeopatia para estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde*. São Paulo: Roca, 2002.

GUTILLA, Maria Cristina. Homeopatia e Pediatria. Crianças: uma abordagem Homeopática. In: ROSENBAUM, Paulo. *Fundamentos de Homeopatia para estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde*. São Paulo: Roca, 2002. p.361-367.

MACEDO, Ana Lúcia. P & MARON, M. G. R. A clínica e a reforma psiquiátrica: um novo paradigma? *Lilacs*, 1997. Disponível em <<http://bases.bireme.br/cgi->

bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&nextAction=lnk&base=LILACS&exprSearch=198117&indexSearch=ID&lang=p>

MERIZALDE, Bernardo A. *Health Horizons, Transformationalhealing: an integrated approach.Pahomeopathy*. Disponível em <http://www.pahomeopathy.com/homeopathy-articles/homeopathic-medicine-and-psychiatry.html>>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Relatório Mundial de Saúde. *Saúde Mental: Nova Concepção, Nova Esperança*. 2001. Disponível em http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf>.

NASCIMENTO, Christian. Adolpho Diniz do. *Transtornos de personalidade e Homeopatia: correlação entre rubricas repertoriais e diagnósticos em Psiquiatria*. Bireme, 2007. Disponível em <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=494240&indexSearch=ID>>.

NETO Louzã, Mario Rodrigues& ELKINS, Hélio e colaboradores. *Psiquiatria Básica*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório sobre a saúde no mundo 2001. Saúde Mental: nova concepção*,

nova esperança. 2001. Disponível em <<http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>>. Acesso em 5 set. 2015.

PARKS, J. H. Psychiatry and Homeopathy. In: *XXIX Internacional Congress of Homeopathic Medicine*, 1974, Washington. Anais. S. Francisco: 1974. American Institute of Homeopathy, 1974.

PASCHERO, Tomás Pablo. *Homeopatía*. Buenos Aires: El Ateneo, 1991.

PRIVEN, Sílvia I. Waisse de. Homeopatía e Psicoterapias. In: ROSENBAUM, P. *Fundamentos de Homeopatía: para estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde*. São Paulo: Roca, 2002. p.349.

PUSTIGLIONE, M. *Organon da Arte de Curar de Samuel Hahnemann para o século XXI*. São Paulo: Organon, 2010 .

ROSENBAUM, Paulo. *Fundamentos de Homeopatía: para estudantes de Medicina e de Ciências da Saúde*. São Paulo: Roca, 2002.

SANTOS, E. G. & SIQUEIRA, M. M. *Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009*. J. Bras. Psiquiatr. Vol59, nº3, Rio de Janeiro, 2010.

STUROVA, D. Homeopatía en Psiquiatria. Acta 65, sep-dec. 2000, pp 101-104.

TIERNO, S. A. Totalidade Sintomática: A Importância dos Sinais “Objetivos” na Patologia Psiquiátrica. *Revista Homeopatia*, 2009; 72(3/4):37-40.

VIJNOVSKY, Bernardo. *Valor Real de los Sintomas en la Historia Clínica Homeopática*. Buenos Aires. Sem data.